

FOTOGRAFIA 3X4: BELCHIOR E A FAÍSCA RELAMPEJAR

UMA ANÁLISE CRÍTICO-LITERÁRIA
EM WALTER BENJAMIN

FRANCISCO GABRIEL SOARES DA SILVA - Graduando em Filosofia Licenciatura
pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). gabriel.engmat@gmail.com

Resumo: A partir dos conceitos de experiência em “Experiência e Pobreza” e dos elementos narrativos de “O Narrador” em Walter Benjamin, propomos a uma leitura que busque uma mediação com Belchior, músico cearense, em “Fotografia 3x4”, tomando essa manifestação artística e cultural, podemos incinerar, e retirar desde o início das chamas, até a sua completa combustão e conversão em cinzas, elementos que permeiam uma retratação de um tempo vivido por camadas de pessoas que se deslocam para terras distantes na intenção de buscar a felicidade. Belchior vive a experiência, de forma que sua dor é transfigurada na mais sublime forma estética, ao contar o que vivera de forma tão singular. As concepções benjaminianas de um declínio da experiência e de uma forma literária nos mostram caracterizações de novos tempos, marcados por um esvaziamento de sentido. Nosso cantor vem colocar-nos a necessidade de disputa, resistência e reconfiguração do papel da narração em nosso tempo.

Palavras-chave: Experiência, Belchior, Arte, Benjamin

I- “VIVIA O DIA E NÃO O SOL, A NOITE E NÃO A LUA” - SOBRE AS QUESTÕES DA EXPERIÊNCIA.

As experiências estão em baixa! Isso é absurdamente incompreensível, mas olhe novamente, pegue a lupa e vamos passear pelo laborioso mundo das formulações de Walter Benjamin, um homem que poderia muito bem ser uma lenda, não pelo seu legado material, mas sim pelas histórias que marcaram a sua vida.

Em *Experiência e Pobreza*, texto escrito em 1933, ano em que o Nazismo ascende categoricamente na Alemanha e passa a perseguir, sobretudo, judeus e comunistas/marxistas e qualquer um que não se enquadrasse na concepção Ariana que o Partido Nazista reivindicava. Esse foi o ano em que Walter Benjamin foi obrigado a fugir para a França, e a essa época sua vida havia se tornado suntuosamente horrenda, banhada de miséria em cada passo, em cada esquina. Uma das perspectivas de ter escrito “Experiência e Pobreza” foi marcado pela necessidade objetiva de comer, pois havia enviado para a revista *Die Welt im Wort* coordenada por Willy Hass que se instalara em Praga. Concluído o escrito e enviado para a publicação recebe a tardia notícia de falência da revista, ficando assim Benjamin sem receber seus honorários.¹

Para além do aspecto sócio-histórico da escrita desse texto, ele é um legado que transpassa desde a filosofia, estética até a política. Benjamin vai mostrar o que seria a experiência (*Erfahrung*), por que ela estaria em baixa e quais as implicações disso no cotidiano. Pois bem, nosso autor coloca que não temos mais a capacidade de parar, sentar à lareira e ouvir nossos velhos, os tempos são outros, a alta velocidade é o que define nossa vida no mundo contemporâneo. Perdemos a concepção de tradição,² ao modo grego, que fora construída individualmente, mas pelo reforço da memória coletiva de um povo, presentes em seus cultos e rituais.

O declínio da experiência está completamente atrelado ao desenvolvimento da técnica. Quando nasce a imprensa, é manifesta a marca do início da perda da tradição

¹ Walter Benjamin. Comentários: Experiência e Pobreza. In: *O Anjo da História*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 216.

² Entender tradição como cultura que é construída coletivamente e não enquanto dogmas irrevogáveis.

oral, onde a experiência que era passada oralmente de pai pra filho vai perder lugar para os livros. Os livros atrofiaram com o tempo nossa capacidade mimética, pois o que é considerado memória coletiva ficou encrustado agora na tinta e no papel, calando assim as bocas e afastando os homens de suas tradições, das experiências compartilhadas coletivamente.

Com o passar do tempo há aspectos mais emudecedores orquestrados pelo desenvolvimento da técnica. Quando da 1ª Guerra Mundial o combate não é mais honrado pela espada e nem o combate corpo-a-corpo, as armas de destruição em massa, bombas químicas não vieram a destruir apenas corpos, a carne e os ossos dos combatentes, mas vem introjetar uma configuração no imaginário humano, sobretudo nos soldados que foram para os campos de batalha e passaram intimamente pelo contato com o massacrante da guerra, pois o aspecto radicalmente destrutivo das armas lhes arrancou a voz, tornando-os perplexos e traumatizados.

[...] Não se tinha, naquela época, a experiência de que os homens voltavam mudos do campo de batalha? Não voltavam mais ricos, mas mais pobres de experiências compartilháveis. Aquilo que, dez anos mais tarde, na grande vaga dos livros de guerra, era tudo menos experiência contada e ouvida.³

A técnica no seu desenrolar, vem também formatar a vida e o tempo das pessoas, o contato com a máquina vai mecanizando-as, transfigurando-as em autômatos que na reprodução de seus trabalhos não refletem, mas apenas mantém o ritmo fabril em suas vidas. A humanidade que se encontra completamente esvaziada de sentido, calada e afastada de sua cultura pela velocidade das coisas faz com que se distancie e atrofie aquilo que Benjamin vai conceber como experiência autêntica (*Erfahrung*), que está ligada à memória coletiva, mas ao mesmo tempo individual, onde as pessoas através de rituais² têm experiências isoladas, mas que se contextualizam tornando-se

³ Walter Benjamin. Experiência e Pobreza. In: *O Anjo da História*, p. 86.

assim experiência coletiva, manifestando uma cultura e tradição que é repassada aos mais novos pelos rituais, sendo tocadas pelas palavras anciãs. Havia um sentido na vida.

O homem moderno está exposto a uma série de excitações externas que lhe pedem em cada esquina, em cada outdoor, em cada fachada luminosa, sua completa atenção, e com isso é exposto a choques que o fazem atrofiar a memória como autodefesa do psiquismo, que não consegue se atentar a tudo na velocidade que lhe é imposto, então num grito tenta conscientizar-se de todos os processos, mas retirando suas significações. A partir da modernidade o sentido é perdido e esvaziado pelo cansaço físico e psíquico, pois a vida torna-se veloz e frenética. A concepção cristã do inferno torna-se viva no cotidiano: o corpo é deteriorado durante todo o dia e recomposto à noite para que no dia seguinte sofra novamente as mesmas mazelas infinitamente. Com isso o cansaço psíquico e físico vai destruindo aos poucos o corpo humano, esvaziando de sentido a vida, pois essas experiências nada lhe agregam, são apenas um amontoado de informações. O Olho tem que atentar-se para tudo. E essas “experiências” Walter Benjamin vai distanciar da concepção de *Erfahrung*, chamando-as de *Erlebnis* (vivência), pois são apenas coisas vividas que não agregam nada ao indivíduo. Isso é a configuração do mundo em nossos tempos, aparentemente não se pode nada fazer senão sobreviver. Willi Bolle esclarece essa questão numa nota de rodapé presente no livro das *Passagens*, onde pontua que:

Um traço marcante do pensamento de Benjamin é a diferenciação entre “experiência” e “vivência”. Enquanto *Erfahrung* (do verbo *erfahren*, que originalmente significa “viajar”, “atravessar”) pressupõe tradição e continuidade. *Erlebnis*, que é algo mais espontâneo, implica em choque e descontinuidade. Em notas relacionadas com o ensaio “*Über einige Motive bei Baudelaire*” (Sobre Alguns Temas em Baudelaire), Benjamin escreve que as “vivências são, por natureza, não utilizáveis para a produção poética” e que se trata de “transformar as vivências em experiências.”⁴

4 BOLLIE, W. Caderno M: Ócio e Ociosidade. In: BENJAMIN, W. *Livro das Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 840.

Há em Walter Benjamin, uma relação muito ténue entre a concepção de experiência e memória. Nosso autor toma como base uma dicotomia pontuada por Freud, entre memória e consciência, ambas (para ambos teóricos) são completamente incompatíveis. A memória e a consciência não podem coexistir num mesmo momento. A consciência recebe as excitações externas sem que se guarde traços dessas excitação, cabendo a ela apenas a filtragem e a transmissão à outros sistemas psíquicos responsáveis por armazenar aquilo que torna-se importante.⁵ A memória torna as coisas eternas na validade da mente. A memória se enquadra no mesmo sentido cultural que a experiência, na verdade dependendo desta, aquilo que se armazena na memória é o que advém de experiências autênticas.

Já a consciência vem funcionar como defesa, principalmente em nosso tempo, pois as exposições intermitentes da vida frenética precisam ser absorvidas, e não havendo tempo para digerir as informações que nos são impostas o organismo dá uma resposta, para não sobrecarregá-lo ele torna consciente tudo que vê sem que isso lhe afete, sem que isso seja alocado na memória, são traços rápidos de imagens que ficaram pouco tempo guardado, e esse processo faz com que atrofie a experiência e consequentemente a memória, como assinala Rouanet:

A memória e a consciência pertencem a sistemas incompatíveis, e uma excitação não pode, no mesmo sistema, tornar-se consciente e deixar traços mnêmicos, o que significa que quando uma excitação externa é captada, de forma consciente, pelo sistema percepção-consciência, ela por assim dizer se evapora no ato mesmo da tomada de consciência, sem ser incorporada a memória [...] Ao serem interceptadas pelo *Reizschutz*⁶ as excitações demasiadamente intensas produzem um choque traumático [...] Pertencem à esfera

⁵ ROUANET, Sérgio. *Édipo e o Anjo* – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008, p. 44.

⁶ Em uma tradução literal, *Reizschutz* significa para-excitação, que pode ser compreendida como um processo que visa reduzir danos, impedindo sobrecarregar o organismo humano quanto aos estímulos externos. Freud vem abordar essa questão em *Jenseits des Lustprips* (Além do Princípio do Prazer).

da experiência as impressões que o psiquismo acumula na memória, isto é, as excitações que jamais se tornaram conscientes, e que transmitidas ao inconsciente deixam traços mnêmicos duráveis. Pertencem à esfera da vivência aquelas impressões cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção-consciência, que tornam conscientes, e que por isso mesmo desaparecem de forma instantânea, sem se incorporarem à memória.⁷

II - “ENQUANTO HOVER ESPAÇO, CORPO E TEMPO E ALGUM MODO DE DIZER NÃO EU CANTO” - ALGUMA COISA SOBRE A ARTE DE NARRAR.

“Quem viaja tem o que contar”.⁸

As questões da experiência em Walter Benjamin são tratadas também em outro texto, como sintoma da perda de uma manifestação cultural: a narração. Em *O Narrador*. Considerações sobre a obra de um Nikolai Leskov, datado de 1936, nosso autor vem colocar que a narrativa está em vias de extinção. Ele norteia essa discussão baseado no fato de que na Antiguidade, e até mesmo no medievo, havia uma grande ligação com a oralidade. As histórias eram repassadas oralmente, os mais velhos presenteavam os jovens com suas experiências, as coisas que ouviram em suas viagens ou mesmo o que seus pais e avós lhes contavam. Mas assim como em *Experiência e Pobreza*, novamente o desenvolvimento da técnica, especificamente a criação da imprensa, começa a atrofiar a capacidade de intercambiar experiências a partir da oralidade, com isso, aquilo que era dito pelas bocas é marcado agora pela tinta e o papel, as bocas assim como as tradições vão se calando com o tempo, à medida que a tecnicização da vida aumenta.

⁷ ROUANET, Sérgio. *Édipo e o Anjo* – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin, p. 44-48.

⁸ BENJAMIN, Walter. *O Narrador* – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 198.

Para além de qualquer ideia ou reforço nostálgico quanto à narração, Benjamin coloca que a tradição oral ou mesmo a falta dela são questões que representam um caráter de reconfiguração social, ou dito de outra forma, a vida é configurada e direcionada a partir dos elementos presentes na cultura, em um dado modo de vida. Se de certo modo era caro aos gregos o ócio, o tempo lento e de dedicação a *polis*, em nosso tempo acompanhamos a velocidade das máquinas, e os elementos presentes em uma dada cultura transformam como se vive ou compreende-se a realidade.

Em *O Narrador*, Benjamin caracteriza que ainda há relampejos de uma sobrevida essencialmente narrativa ou até mesmo uma reconfiguração em nosso tempo apesar de nossa cultura. Com isso ele parte de uma análise que tenta exemplificar dois grandes tipos de narradores. Benjamin fala da figura do narrador que formou-se em terras distantes, que é a marca da figura de algum jovem que saí de sua terra e que no decorrer de suas viagens incorpora uma série de histórias e experiências de outros povos e culturas, sua narrativa vai ser enriquecida por esses fatores de outras localidades.

Há também a formação de outra categoria de narradores, que a certo ponto se distancia da primeira. O Jovem que nunca saíra de sua terra pode também ter o que dizer, ter o que narrar, ele pode verbalizar a experiência pelo que aprendeu e apreendeu do que contaram seus pais e avós. As histórias populares foram mantidas pelo povo e são repassadas àqueles que lá vivem. É possível fazer um encontro dessas duas concepções, que são ricamente importantes na compreensão da narrativa. Pois esse jovem que saí de sua terra e anda pelos mais distantes países, afastando-se de suas raízes, em algum momento vai assentar-se em algum lugar ou retornar a sua origem, e ele que incorporou outras tradições e histórias, as contará no seu povoado, é nesse momento que eles se cruzam, pois seus filhos e seus netos ouvirão e incorporarão essas histórias. Compreende-se que esses dois tipos podem ser facilmente ligadas às estórias épicas de Homero (marinheiro viajante) e de Hesíodo (camponês sedentário), não são adversativas, mas se entrecruzam.

Mas a narrativa, ou a figura do narrador, por mais familiar que possa parecer não é puro devaneio daquilo não existe mais próximo à nós, mas sim, cada vez

mais distante em tempo e espaço,⁹ pois para Walter Benjamin, além dos ensinamentos “morais” presentes na manifestação desse ato de narrar, a narrativa traz consigo também ensinamentos práticos e úteis à vida de um indivíduo. Essa questão, segundo nosso autor, tem grande importância, principalmente quando ele articula dentro de um campo de conformação/interação entre as duas escolas já citadas. Cito Benjamin: “o senso prático é uma das características de muitos narradores natos (...) tudo isso esclarece a verdadeira narrativa”.¹⁰

III – 3X4: A FOTOGRAFIA DE UM NARRADOR

É preciso demorar-se sobre as coisas todas, pois há muito de muita coisa em cada minúsculo grão. Sendo assim, antes de tecermos qualquer comentário a Antônio Carlos Belchior, que em nossa análise é visto não como um mero cantor, mas ascende a um patamar de poeta-cantor. Foi preciso elucidar os conceitos benjaminianos de *experiência* e *narrativa* que nos permitirá ter uma compreensão mais ampla de uma possível relação entre as duas figuras e seus “escritos”. É sempre preciso ter a sensibilidade para criarmos distâncias e para estabelecermos aproximação.

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei.
Jovem que desce do Norte pra cidade grande. Os
pés cansados e feridos de andar légua tirana...
nana. E lágrima nos olhos de ler o Pessoa e de ver
o verde da cana...¹¹

Uma das mais ricas melodias de Belchior não poderia deixar de ser marcada pelos duros traços da realidade brutal. O nosso Poeta-cantor, antes de usar um belo apanhado de palavras bem alinhadas e uma magnífica melodia, vem manifestar através

⁹ BENJAMIN, Walter. *O Narrador* – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 197.

¹⁰ Idem, p. 200.

¹¹ BELCHIOR, Carlos. *Fotografia 3X4*. Alucinação. São Paulo: Polygram, 1976.

da música sua interação com a realidade. Podemos, creio eu, analisar Belchior como um representante da melancolia dentro do cenário brasileiro, mas também a melancolia de todo um tempo.

Suas músicas trazem dor, angústia, medo, desânimo, pessimismo... suas belas melodias nos dão a impressão de que o Poeta-cantor distancia-se desses sentimentos, parecendo ele mesmo estranho a estas sensações, tais sensações são colocadas em sua frente, manifestando-se como coisas alheias a ele.

É preciso entender esse processo como uma *melancolia positiva*, pois ela mobiliza ao invés de imobilizar ou engessar alguma manifestação de vida, por isso Antônio Carlos Belchior vai gritar que apesar da desesperança e da dor, “enquanto houver espaço, tempo e algum modo de dizer não eu canto”.¹² Esse grito lembra muitos dos últimos parágrafos dos escritos de Benjamin,¹³ que trazem também um grito de desespero, um desespero que traz uma perturbação e inquietação quanto à vida e de como lidamos com ela, é um grito desesperador que pode ser ouvido como uma tarefa dada ao nosso tempo. Isso pode ser apreendido, ou pelo menos aproximado quando se lê o último paragrafo de “Experiência e Pobreza”. Rouanet pontua quanto à questão do melancólico em Walter Benjamin que:

O Homem Barroco – o melancólico, na medicina clássica é aquele que tem o poder de penetrar no objeto até que ele se revele, até a morte do objeto, que coincide com essa revelação [...] O Melancólico alegoriza o mundo, e se anula nessa alegorização [...]. A visão alegórica resulta da consciência da culpa, e do desejo de redimir-se. A natureza é culpada, e busca reabilitar-se através da palavra pela qual o homem a nomeia, ou da leitura pela qual o alegórico lhe atribui significações; o

¹² BELCHIOR. *Divina comédia Humana*. Todos os Sentidos. São Paulo: WEA Discos Ltda, 1978.

¹³ Uma marca presente em alguns escritos de Walter Benjamin é a tarefa que ele coloca ao leitor no ultimo paragrafo, como em *Experiência e Pobreza* e *O Narrador*. Segundo me parece, o que advém ao texto, é uma análise que nos leva ao ponto central que é lançado ao final: tarefa histórica de nosso tempo, a partir dos elementos expostos.

homem é culpado, e somente nessa leitura, que proclama a caducidade do mundo e de si mesmo, pode encontrar perdão.¹⁴

Começamos, intencionalmente, só agora a aproximar Walter Benjamin e Antônio Carlos Belchior. Quando o segundo fala que se lembra de um fato (de sua vida), ou melhor, se *lembra muito bem*, é um fato que não deve escapar ao crivo de uma análise benjaminiana, diante de sua ênfase, pois é a relação com a memória que define um afastamento da vida moderna, pois com o desenvolvimento da técnica o homem vive numa multidão onde é exposto às excitações. A humanidade é exposta a choques por conta da velocidade de imagens bruscas e rápidas que se colocam diante da multidão que passa, onde Rouanet coloca que “o homem moderno vai perdendo a memória, individual e coletiva. O homem privado de experiência é o homem privado de história e da capacidade de integrar-se numa tradição”.¹⁵

Num eminente processo de sobrecarga mental, ocasionado pelos constantes choques, o psiquismo desenvolve uma autodefesa tentando conscientizar tudo que vê e acaba por não mais guardar nada na memória. Rouanet vem nos colocar que “a memória e a consciência pertencem a sistemas incompatíveis, e uma excitação não pode, no mesmo sistema, tornar-se consciente e deixar traços mnêmicos (...) ‘a consciência nasce onde acaba o traço mnêmico’”.¹⁶

Com base nessas questões, Belchior mantém uma relação de presença e distanciamento (do mundo moderno), pois é perpassado pelas excitações, velocidade brusca das imagens sobrepostas, o choque da vida contemporânea sem ser, aparentemente, afetado profundamente. Os estímulos do “mundo” correm por onde ele caminha, mas não há um processo de conscientização dos choques, com isso os traços mnêmicos são conservados nas coisas “vivas” pelo Cantor-poeta. Pela dor ele as mantém na memória, que quando musicada revela os mais sutis traços de refinamento nos detalhes.

¹⁴ ROUANET, Sérgio. *Édipo e o Anjo* – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin, p. 17-19.

¹⁵ *Idem*, p. 47.

¹⁶ *Idem*, p. 44.

Mas o fato de Antônio Carlos se deslocar do Norte/Nordeste para o sul é o início do ponto de sintonia que começa a ser traçado ou aproximado entre a canção “Fotografia 3x4” e os textos “Experiência e Pobreza” e “O Narrador”. Primeiro pelo fato desse deslocamento representar um processo importante num aspecto histórico, ou melhor, na construção e manifestação da memória coletiva, notando que quando Belchior desce para o Sul ele não vai sozinho. Há uma série de elementos ocasionados pela dor e pela miséria que faz o sertanejo, o nordestino, sobretudo as famílias de regiões interioranas largarem suas terras para procurar trabalho e felicidade no Sudeste do Brasil, carregando em suas malas a esperança utópica da salvação.

Quando desce, Belchior leva consigo uma tradição construída de que o Sudeste do país é onde se encontra a felicidade, onde todos os sonhos são realizados, e esse processo foi repassado e reivindicado pelo meu pai, pelo avô de alguém, assim como pelo nosso cantor, que se afasta de sua terra sem deixar de demonstrar que o faz com o maior pesar.

A ideia de encontrar um guarda em cada esquina pode ser associada ao conceito de choque, que Walter Benjamin vai desenvolver em “Alguns temas sobre Baudelaire”. Na concepção do mundo moderno¹⁷ todas as coisas são delimitadas pelo seu preço, esvaziando assim as coisas mesmas de seus sentidos, em um tempo em que tudo que é novo é imediatamente superado e substituído por algo milésimos de segundos (hipérbole) mais novo; não há tempo de assimilação, a velocidade lhe obriga a não pensar e à cada esquina sofreu-se mais um assalto, as luzes das dezenas de fachadas que lhe chamam atenção, as garotas e garotos que lhe entregam os pequenos panfletos dos dentistas populares.

É impossível não ser chocado com o ritmo frenético que a vida toma hoje. E isso causa o imenso vazio em cada membro da humanidade que se individualiza cada vez mais, pois é, com o tempo, tornado incapaz de verbalizar, de falar de si com os seus pares, há um processo que vai esfacelando as experiências coletivas e tornando muito mais presentes as vivências individuais de cada sujeito. A humanidade a cada passo se esvazia completamente de sentido e passa a se assegurar em cada corda que vê, em cada

¹⁷ É preciso entender aqui, moderno enquanto expressão do novo.

revólver que toca contra o rosto.

Tornamo-nos meros passantes da vida, vamos de um lado pra outro sem muitas vezes nos perguntar se há um sentido em cada atividade que desenvolvemos. Nos encontramos aos montes, somos multidão. Mas há quem consiga fugir dessa lógica, e é o que aparentemente faz Belchior, que na busca de sua felicidade no Rio de Janeiro era exposto às coisas do mundo moderno, mas sem prender-se a elas em demasia. Na sua busca, nosso Poeta-cantor, parecia olhar a tudo que uma grande capital lhe oferecia: os grandes monumentos, as extravagâncias arquitetônicas, o marketing apelativo presente em cada espaço da rua, o amontoado de pessoas que passavam frenéticas de um lado para outro, e tudo aparentemente sem nada fazer o menor sentido em seus deslocamentos, nem se perguntando qual a importância de tudo aquilo. Belchior passava por entre essa gente, sentindo esse frenesi. E com esse estilo de vida “Benjamin constata novas maneiras de viver, sentir e perceber a experiência do choque como regra para o cidadão”.¹⁸

Em cada esquina em que eu passava um guarda me parava, pedia os meus documentos e depois sorria examinando a 3x4 da fotografia e estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.¹⁹

Para além de todo esse prolegômenos acerca da conceituação da experiência, o esvaziamento de sentido da humanidade ocasionada pelo desenvolvimento da técnica, a velocidade frenética da vida que é absorvida nas informações todas, ou de outra forma, os excessos de informações (excitações externas) e velocidade com que chegam, afetam o organismo humano numa perspectiva de sobrecarrega-lo, pois as informações que chegam, não tem tempo hábil para ser processada. Para além de todas essas questões, é importante ressaltar que isso afeta diretamente as configurações literárias.

¹⁸ TRAVASSOS, Milena. “Modernidade - Mundo de sonho, Experiência do choque”. In: *Cadernos Walter Benjamin*, Volume 3, Fortaleza, Eduece, 2009, p. 7.

¹⁹ BELCHIOR, Carlos. *Fotografia 3X4*.

Em *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, assim como falamos um pouco anteriormente nesse texto, as narrativas estão em vias de extinção, pois o mundo contemporâneo não é um tempo de continuidade e tradição, mas sim um tempo descontínuo, desenraizado de um contexto cultural. Não há mais algo que nos ligue a uma cultura. O que permite, às mulheres e homens, a capacidade de narrar algo, é a experiência (*Erfahrung*), que torna-se manifesta dentro de um dado contexto cultural, sobretudo, marcada pelos rituais. E quando se perdem os rituais, não há mais experiência que nos ligue a nada, e com isso, não há mais espaço para as narrativas, pois não há nada que valha a pena narrar. Nesse desenraizamento cultural, se esvazia de sentido a vida, marcada pelas vivências que não representam nenhuma ligação com uma tradição, torna-se patente a marca do homem em nosso tempo: um indivíduo desenraizado e tem a vida esvaziada de sentido. Esse esvaziamento é também de palavras, pois nem mesmo se pode hoje verbalizar a dor sentida pelo indivíduo para se solicitar conselhos, não se pode porque não se tem mais essa capacidade de comunicar experiências.²⁰

Os narradores estão em vias de extinção, mas não desapareceram ainda, segundo atesta Walter Benjamin, há uma capacidade nata dos narradores, que é a articulação de um ensinamento prático a partir de uma narrativa. Segundo a minha concepção, nesse trecho, que cito a seguir, Belchior desenvolve ou apresenta essa capacidade de um ensinamento prático, pois vem nos mostrar um engenhoso pensamento de articular as dores, os pesares presentes nesse sofrimento de não estar feliz em seu lugar, por almejar encontrar essa felicidade em outras terras, e ser marcado pela frustração e poder exemplificar a terceira lei de Isaac Newton como quem diz com a maior naturalidade e segurança da ciência a normalidade ou sequências dos fatos de uma vida.

Pois o que pesa no Norte pela lei da gravidade, isso
Newton já sabia, cá no Sul grande cidade. São
Paulo Violento. Segue o Rio que me engana.²¹

²⁰ BENJAMIN, Walter. *O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, p. 200.

²¹ BELCHIOR, Carlos. *Fotografia 3X4*.

Essa passagem traz consigo uma singular e dúbia aproximação de Belchior com os conceitos dos textos já citados de Walter Benjamin. Ora, o indivíduo que na modernidade não faz nada além de sofrer ou sobreviver ao inferno que é a modernidade, o faz como o autômato que lhe foi induzido a ser, onde apenas reflete os choques que lhe afetam. É vazio, ou melhor, o indivíduo foi esvaziado de sentido, sem ligação nenhuma com a cultura que lhe cerca, vaga pelas ruas e igual a ele, muitos outros passantes, são uma multidão agora.

Apesar de todo esse recorte, o pessimismo presente na modernidade, e que a certa medida pode-se também ser observado em Belchior, onde esse contrasta toda a dor e falta de sentido da vida de quem sobrevive à noite, que além de escura é fria, da presença do sofrimento algo pode nascer, experiências podem brotar, no caso de Belchior isso possibilitou a verbalização de suas dores. Apesar da vida, pôde ter a certeza de que tem coisas novas para dizer.

A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia, pela dor eu descobri o poder da alegria e a certeza de que tenho coisas novas, coisas novas pra dizer.²²

É preciso ter clareza que o mar, não tão claro, das formulações benjaminianas são águas espessas e que não são facilmente transponíveis, nem mesmo para os mais experientes marujos. Fazer aproximações de Walter Benjamin com quaisquer outros aspectos que ele não tenha trabalhado se torna uma tarefa que pode nos conduzir a completos absurdos ou a profundos devaneios. Assim sendo, quando tento aproximar nosso esteta (com suas formulações e concepções, ancoradas centralmente no que concerne à modernidade) do cantor cearense, pode-se correr o risco de entrar numa espécie de labirinto conceitual de associação dos pensamentos do cantor e do filósofo. Tecemos crítica ao moderno, concebendo ele, do ponto de vista benjaminiano, esvaziado de sentido pleno, atrofiador de experiências que causa no devir histórico desconstrução,

²² Idem.

ou melhor, perda de aspectos históricos que enriqueceram os homens e as tradições: como a perda da narração, a morte do narrador. Poderíamos dizer, quem sabe afirmar, que Antônio Carlos Belchior seria um autêntico narrador que se perdeu no tempo e veio parar num mundo moderno, contemporâneo.

A minha história é talvez, talvez igual a sua. Jovem que desceu do norte e no sul viveu na rua. E que ficou desnordeado, como é comum em seu tempo. E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo. E que ficou apaixonado e violento assim como você. Eu sou como você, eu sou como você, eu sou como você que me ouve agora.²³

Mas principalmente por conta de todas essas análises que Benjamin vem fazer sobre nosso tempo, é impossível atestar ou aproximar nosso trovador cearense da figura de um genuíno narrador, pois a história da vida dele se aproxima, se encontra e se confronta com a vida e a história de tantos outros sujeitos, que sobretudo se encontram completamente desnordeados e desapontados, algo que é comum em nosso tempo, tendo a violência que perpassa sua sobrevida. Belchior é, não sendo, como cada passante, cada componente da multidão. Está na multidão, mas se afasta dessa, vendo-a de longe, estando dentro, a se perder no jogar-se no abismo do vazio.

Torna-se, nosso Poeta-cantor, um legítimo representante de uma experiência individual (que pode ser tomada como ritualística), pois também perpassar muitos retirantes do Norte/Nordeste brasileiro que vão ao Sul, e esse processo pode ser visto, diante das formulações benjaminianas, como uma experiência (*Erfahrung*) coletiva, conseguiu-se comunicar experiência. Assim sendo, Belchior dialoga, a certo modo, com uma tradição, pois na parte superior do território brasileiro, foi-se mantida durante algum tempo relações narrativas, principalmente nos interiores, onde, sobretudo a tecnologia não se fazia presente de forma latente.

²³ Idem.

Belchior pode não ser um narrador em nosso tempo, mas é preciso compreender que esse não manifesta os traços de nossa época como quem é conduzido pela marcha da história, sem poder intervir em seu curso. Esse jovem cearense que desceu do norte para tentar a felicidade em terras distantes vem configurar o cenário literário-musical no Brasil. Há em Belchior uma reconfiguração da narrativa, num processo de disputa social.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *O Anjo da História*. Tradução e organização de João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2013.

_____. Comentários: Experiência e Pobreza. In: *O Anjo da História*. Tradução e organização de João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2013.

_____. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOLLIE, W. Caderno M: Ócio e Ociosidade. In: BENJAMIN, W. *Livro das Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ROUANET, Sérgio. *Édipo e o Anjo – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

BELCHIOR, Carlos. *Fotografia 3X4*. Alucinação. São Paulo: Polygram, 1976.

_____. *Divina comédia Humana*. Todos os Sentidos. São Paulo: WEA Discos Ltda, 1978.

TRAVASSOS, Milena. “Modernidade - Mundo de sonho, Experiência do choque”. In: *Cadernos Walter Benjamin*, Volume 3, Fortaleza, Eduece, 2009.